

tal) e penso que a Rússia reverte de novo ao Ocidente, por temor da China, e tratará de salvar-se, apoiando-se nos países ocidentais. Neste momento a China de Mao é a benfeitora involuntária dos países da Europa oriental, que têm assim uma feliz oportunidade de se libertar da tremenda pressão de um império universal, na sua fase derradeira que é a mais perigosa e destrutiva.

V. H. — Quais são em sua opinião os povos predestinados a desempenhar um papel importante no próximo futuro?

A. T. — O Japão, a Alemanha Ocidental e o Canadá, o último neste momento dilacerado pelo terrível problema da dualidade linguística. Da actual aliança económica entre o Japão e a Austrália creio que brotarão surpresas sem precedentes. Entre os países hispano-americanos, o México e o Chile parecem-me os mais originais, os mais ricos de actividade e de futuro.

Recordo nesta altura ao meu interlocutor a sua famosa teoria sobre a diferença característica entre a conquista e colonização espanhola da América e as inglesas. «Continua a sustentá-la?», inquiri. «Sim», respondeu-me. Toynbee sustenta o seguinte: enquanto os Espanhóis empreenderam a sua descoberta e conquista segundo os princípios morais do Novo Testamento, os puritanos ingleses apossaram-se do Norte da América segundo os princípios do Antigo Testamento. As duas conquistas tiveram, pois, por base ideias e esquemas de tipo religioso, o que explica várias coisas, entre elas a sobrevivência dos indígenas no Sul e a sua desapareição no Norte, isto porque os Espanhóis respeitaram a vida dos infieis, pois os conquistaram com o propósito de os converterem ao cristianismo e não para os exterminar, ao passo que os puritanos, ao comportarem-se como «um povo eleito», imitaram na América do Norte a política dos israelitas na Terra Prometida, os quais exterminaram radicalmente os Filisteus. O que na América do Norte resta desta política vegeta em alguns parques nacionais como meras curiosidades de natureza râmica. O Sul da América ficou, pelo contrário, ao abrigo da exterminação, dado que o que assegurou a protecção dos indígenas foi a ideia mestra de uma religião nova, baseada na igualdade e no perdão.

V. H. — Qual irá ser o papel da Europa no que vai seguir-se?

A. T. — A Europa poderia igualar em poder e em influência os Estados Unidos e a Rússia, se lograsse unificar-se, mas dividida e fraccionada como hoje se encontra pouco ou nada significará. Pesa sobre ela um largo passado de desentendimento. A última palavra não irá pertencer a De Gaulle (disse esta frase a sorrir). A Rússia teme uma Europa unida, mas não aos Estados Unidos que projectam associá-la aos seus planos.

Seguidamente falou-me da sua vida, dos seus estudos em Winchester e em Oxford — no Balliol College —, da sua formação cultural greco-romana. Ensinou pouco. Tinha medo e mesmo horror à perspectiva que lhe oferecia um futuro hipotecado a repetir todos os anos as mesmas coisas, e por isso abandonou o ensino. Deu-se logo conta da relação que é possível estabelecer entre a história antiga e a moderna e pensou logo na possibilidade de escrever uma história universal, baseada nesse paralelismo orientador. Quando saiu o livro de Spengler, foi grande a sua desilusão. Parecera-lhe que, com a publicação dessa obra, tudo ficava dito, mesmo tudo quanto ele próprio congeminara e elaborara através de longos anos. Mas em breve se deu conta de não ser exactamente assim e, desta maneira, continuou a trabalhar. O primeiro tomo do *Estudo da História* apareceu em 1934. Quais os seus mestres? Lucrécio e Políbio. Este que havia vivido num momento em que a Grécia se fundia com Roma (210-125 da nossa era) política e culturalmente, e porque foi autor de uma primeira *História Universal*, que é uma espécie de modelo antigo do *Estudo da História*, Lucrécio dada a sua feição religiosa. «Sou um agnóstico devoto», declarou-me Arnold Toynbee, e com este sorriso em palavras terminou o nosso encontro.

Ernest Becker disse na última entrevista: Sou um ateu que acredita em Deus.